

**Capítulos da Cultura Chilena: cultura e política na revista
Araucaria de Chile (1978-1990)**

Êça Pereira da Silva*

Resumo:

Este trabalho apresenta as discussões sobre a relação entre cultura e política realizadas pelos intelectuais chilenos exilados que participaram da revista *Araucaria de Chile*, especialmente na seção *Capítulos de la Cultura Chilena*. Esta revista tinha como propósito criar um espaço para a discussão cultural e política e também servir de ponte entre os chilenos exilados e os que permaneceram no país. O caráter engajado da publicação era explícito: era uma revista cultural que se posicionava contra a ditadura de Pinochet e todas os governos latino-americanos da mesma natureza. Na seção *Capítulos de la cultura chilena*, organizada por Luiz Bocaz – professor de literatura latino-americana na Universidade de Concepción até o momento do golpe – foram discutidos os temas pintura, a música, a universidade, as ciencias sociais, o cinema, o teatro e a pesquisa científica. A importância desta seção consiste em tentar traçar um panorama do desenvolvimento da cultura chilena até o momento do golpe, preparar um instrumento de reflexão sobre esta cultura e construir e divulgar estratégias de resistência destas manifestações culturais durante a ditadura pinochista.

Palavras - chave: exílio, cultura , política.

Abstract:

This research shows the discussions about the relation between culture and politics accomplished by the Chilean exiles intellectuals that participated in the *Araucaria de Chile* magazine, especially in the section *Capítulos de la cultura Chilena*. The aim of this magazine was open a place for a cultural and politics discussion and be a bridge between exiles chileans and whoever stayed in their country. The engagement of this publication was clear: that was a cultural magazine that took place against Pinochet's dictatorship and all latin americans governments like him. The section *Capitulos de la Cultura Chilena* was organized by Luiz Bocaz – professor of latin american literature in the Concepción University until the coup of state; the themes discussed in that section was: the painting, the music, the university, the social sciences, the cinema, the theater and the scientific research. The importance of that section is the attempt to do a outlook of development of chilean culture until he moment of coup, prepare a device of thought about this culture and construct and publicize strategies of resistance that cultural manifestations against the Pinochet's dictatorship.

Key words: exile, culture, politcs.

A revista *Araucaria de Chile* foi lançada em 1978 e tinha como objetivo ser um espaço democrático de discussão cultural, cuja principal causa política era a luta contra o regime de Pinochet e as demais ditaduras que assolaram a América Latina nas décadas de 1970 e 1980. Outro objetivo da revista era aproximar aqueles que ficaram no país aos milhares de exilados espalhados pelos cinco continentes. A *Araucaria* era uma revista

* Êça Pereira da Silva é mestranda em História Social na Universidade de São Paulo sob orientação da Profa. Dra Maria Helena Rolim Capelato. Este texto é parte de da pesquisa *Araucaria de Chile (1978 – 1990) a intelectualidade chilena exilada* que conta com apoio da FAPESP.

trimestral, que publicou em suas páginas ensaios sobre política, história, artes e conjuntura internacional; circulou até 1990 depois da divulgação do resultado do plebiscito que disse “não” à continuidade do regime pinochista.

As revistas foram apontadas por Sirinelli como um lugar privilegiado para o estudo dos debates intelectuais. Pois neste tipo de publicação, os intelectuais se aproximam pelas afinidades de idéias e por outro lado se afastam quando estas divergem ao ponto de causarem uma disputa (SIRINELLI, 2003:249). No caso da *Araucaria*, a aproximação era dada pela defesa da democracia na América Latina, ainda sim foram expostas muitas divergências no que toca às diferentes concepções sobre as experiências da Unidade Popular e do exílio e também nas relações entre política e cultura.

Segundo Helenice R. da Silva, a história intelectual valoriza as idéias de ruptura e mutação, portanto, novas conjunturas contribuiriam para a mudança nos questionamentos promovidos nos debates intelectuais (SILVA, 2002:25). As grandes e - quase instantâneas - transformações em pauta na publicação aqui estudada eram: o meteórico governo da Unidade Popular e a drástica ruptura imposta pelo golpe militar e a conseqüente diáspora chilena. Assim, o exílio aparece como um dos fios que conduzem as discussões publicadas.

Os principais intelectuais responsáveis pela revista *Araucaria* foram o seu diretor, o crítico literário e até 1973 senador pelo Partido Comunista Volodia Teitelboim e o secretário de redação Carlos Orellana que, antes do golpe, era professor e responsável pela editora da Universidade Técnica do Estado, também militante comunista. A revista não era uma publicação oficial do Partido Comunista Chileno (PCCh), contudo contou com o apoio seu apoio e por uma ocasião publicou um manifesto do partido. Apesar dos estreitos laços entre o PCCh e a *Araucaria*, ela divulgou em suas páginas textos de intelectuais de diversas correntes ideológicas cuja única convergência era a luta contra as ditaduras, podemos citar como exemplos a publicação de textos de Radomiro Tomic (candidato a presidência pela Democracia Cristã contra Allende em 1970) e do cardeal Silva Henriquez, que lutou pelo respeito aos direitos humanos durante a ditadura.

A revista era dividida em diversas seções que não foram constantes durante toda sua existência, tais como *Nuestro Tiempo* que se dedicava à análise de conjuntura, principalmente latino-americana e *La Historia Vivida* que era composta por narrativas de experiências pessoais durante o golpe e o regime militar. A seção que discutiremos detidamente aqui é *Capitulos de la Cultura Chilena*. Esta seção apareceu em 10 das 48 edições da revista tratado dos seguintes temas: artes plásticas (*Araucaria* n° 1), música

(*Araucaria* n° 2), universidade (*Araucaria* n° 3), ciência (*Araucaria* n° 5)¹, teatro (*Araucaria* n° 6, 30 e 31), ciências sociais (*Araucaria* n° 10), cinema (*Araucaria* n° 11 e 37) A proposta desta seção era apresentar discussões de especialistas em diversos âmbitos da cultura chilena, construindo materiais para a reflexão sobre o desenvolvimento histórico de cada aspecto cultural proposto em cada edição, a situação de cada manifestação cultural dentro e fora do Chile e as perspectivas para quando a democracia fosse reconstruída.

Os *Capítulos de la Cultura Chilena* publicados da revista número um até o número onze contaram com um texto introdutório sobre cada tema assinado por Luis Bocaz² que era o responsável por esta seção, depois havia uma entrevista com algum intelectual da área em questão (teatro, cinema, etc.), na seqüência, era apresentada uma mesa redonda ou questionário respondido por diversos pensadores da área e por último um depoimento de algum outro envolvido na produção cultural em foco na edição. Depois, no *Capítulo* da edição n° 30 da revista, o texto introdutório foi assinado por Jacqueline Mouesca³. Bocaz apesar de não ser mais responsável pela seção continuou como membro do comitê permanente da revista. Desta edição em diante, esta seção publicou apenas entrevistas (média de três por edição), mas manteve o perfil de publicar uma análise do aspecto cultural proposto através das entrevistas.

Alguns problemas foram recorrentes aos diversos âmbitos culturais abordados: como a relação entre estética e conteúdo político, e também a discussão sobre uma cultura chilena específica “de exílio”. Estas questões estiveram presentes principalmente nas discussões sobre: artes plásticas, música, cinema e teatro.

No primeiro número da *Araucaria*, Bocaz entrevistou o artista plástico José Balmes, que foi um dos organizadores do *Museo de Solidariedad* e, no exílio, contribuiu para a formação do *Museo de Resistencia Salvador Allende*. Para Balmes, a política emergiu como temática nas artes plásticas chilenas durante os anos 50, por influência do muralismo mexicano, do clima de pós-guerra, da aproximação entre os intelectuais e o movimento operário e a repercussão da obra de Neruda *Canto General* e ao final o impacto da revolução cubana. Ele declarou que a politização dos artistas passava necessariamente por uma opção pessoal e que o marxismo exigia uma visão global de mundo, desta forma tanto os criadores culturais, quanto os líderes políticos não poderiam ter uma leitura meramente administrativa

¹Infelizmente esta é a única edição da revista *Araucaria* que não temos completa, problema que será resolvido ao visitarmos os arquivos chilenos a ser realizada em setembro de 2007.

²Professor de literatura na Universidade de Concepción até o golpe, no exílio se estabeleceu na universidade de Paris III

³Formada em cinema pela universidade de Paris I. Autora de *Pratique el diffusion du cinéma sous l'Unité Populaire*, Paris, junho, 1978.

de sua função.

No segundo número, esta questão foi abordada num debate elaborado a partir de um questionário respondido pelos músicos. A relação entre as opções artísticas e os posicionamentos políticos apareceram em 12 das 22 questões formuladas pelos responsáveis da revista Carlos Orellana, Luis Bocaz e Soledad Bianchi. A quantidade de questões nessa direção já evidencia a inclinação da publicação em favor da produção de arte engajada.

A maior parte dos músicos que responderam ao questionário participaram da Nova Canção Chilena (NCCh), movimento de músicos engajados cuja origem estava na pesquisa das canções folclóricas chilenas. As respostas de alguns artistas chamam atenção pela contundência com que relacionaram seus posicionamentos políticos aos seus trabalhos artísticos. Eduardo Carrasco (diretor artístico do conjunto *Quilapayún*) respondeu que a arte tinha suas próprias regras, que necessitava da mais absoluta liberdade de ação para existir, e que sua opção era fazer arte política, nesse sentido a *NCCh* era a prova que qualidade estética e compromisso político não eram excludentes. Osvaldo Rodríguez (músico também integrante da *NCCh*) lembrou uma especificidade da posição de músico e agitador político: deveria sustentar-se com este trabalho, o que o colocava na situação delicada de militante profissional. Daniel Salinas respondeu que fazia música de combate político, e nesse combate era orientado por sua filiação ao Partido Socialista.

O caráter democrático da revista foi demonstrado ao publicarem a justificativa do músico Hans Stein para recusar-se a responder ao questionário: discordava do título (ao invés de “Compositores e intérpretes de música chilena” propôs “compositores e intérpretes chilenos”) e acreditava que as questões, além de estarem direcionadas aos membros da *NCCh*, eram muito subjetivas e impossibilitavam um debate científico acerca do papel da música na cultura chilena.

A relação entre estética e política acalorou também o debate sobre o cinema chileno que ocorreu no Festival Internacional de Cinema de Moscou em 1979 e que foi publicado na *Araucaria* nº 11. O cineasta Miguel Littin defendeu um cinema heróico, com cenas de marchas e manifestações, acreditava na impossibilidade de esquecer a tragédia de 1973, que era necessário documentá-la para as próximas gerações, pois teriam que construir uma memória alternativa àquela oferecida pelo regime pinochista. Jaime Barrios defendeu também o que chamou cinema de solidariedade, que deveria ser uma arma de luta contra a ditadura. Por outro lado, o escritor José Donoso acreditava que a denúncia direta da violência estava esgotada, e que deveriam buscar outros argumentos para trazer à tona os problemas chilenos, sob pena de perderem a força de impactar as platéias e provocar a reflexão. Propôs

que o foco das produções mudasse para as histórias individuais, assim ficariam mais evidentes todas as questões postas pelo momento que o Chile vivia, citou como exemplo os filmes cubanos que contavam a epopéia revolucionária sob a ótica de pessoas “comuns”.

Nas edições sobre teatro chileno, os grandes temas foram: o desenvolvimento do teatro no Chile sobretudo importância do Teatro Experimental que se tornou o Instituto de Teatro da Universidade do Chile (ITUCh) e também o teatro produzido sob a ditadura no Chile e pelos artistas exilados. Na *Araucaria* número 6, o entrevistado foi o ator Oscar Castro e o entrevistador foi intelectual Ariel Dorfman. O grande assunto foi o trabalho teatral desenvolvido pelo ator nos campos de concentração onde esteve preso, seu objetivo era manter a moral dos prisioneiros (e a sua própria) em alta, para isso, escreveu espetáculos, organizou as comemorações diversas (como o dia da independência).

A importância do teatro como meio de resistência fora das prisões também foi abordada. Na *Araucaria* nº 31 na entrevista feita pelo jornalista Miguel Varas com o dramaturgo Juan Radrigán. Ele lembra que apenas duas obras teatrais haviam sido censuradas até aquele momento (julho de 1985) na ditadura pinochista, e que a situação do país já politizava a cultura a tal ponto que, em suas obras, a repressão era inferida pelo público a partir das situações cotidianas postas em cena. Radrigán declarou ainda que havia formado sua própria companhia de teatro porque acreditava que alguns atores e diretores, preocupados com a repressão ou com o retorno financeiro das peças, amenizavam seus textos e, para não incorrer na autocensura decidiu reunir artistas que, como ele, se sentiam podados.

O surgimento de uma cultura própria de exílio também foi um tema levantado pelos *Capítulos de la Cultura Chilena*, embora o objetivo da revista fosse manter a unidade cultural do país, depois de algum tempo, se tornou claro que havia uma intensa produção cultural chilena fora do país e com características próprias.

O tema do exílio surgiu já na primeira *Araucaria*, em *Capítulos de la Cultura Chilena*. No encerramento da seção publicaram parte do discurso proferido por Rafael Agustín Gumucio, na ocasião da inauguração da exposição em solidariedade ao Chile em Reims (França) que esteve em cartaz de abril a junho de 1977. Esta exposição reuniu obras de artistas chilenos exilados na França, era um meio de divulgar seus trabalhos e ao mesmo tempo chamar atenção do público para a comunidade de chilenos exilados. Nesta edição há fotos de obras de diversos artistas chilenos exilados, como Roberto Matta, Gracia Barrios (responsável pela capa da edição), Carlos Vasquez, Guillermo Nuñez e outros.

A diferença entre a linguagem utilizada por pintores dentro e fora do Chile foi comentada na entrevista de Balme, que afirmou que no Chile, os artistas se valiam de

símbolos para lutar contra a censura. Isso não impediu a repressão em alguns casos: logo depois da entrevista, há um texto do também artista plástico Guillermo Nuñez onde atribui à sua obra a função de registrar aquele momento de violência, e também denuncia a repressão desencadeada contra seu trabalho, concretizada no fechamento de sua exposição, sua prisão e exílio.

O exílio foi abordado no questionário enviado aos músicos na *Araucaria* nº2; as questões elaboradas nesse sentido versavam sobre a inserção dos artistas no exterior e na influência da distância da terra natal em suas obras. Nenhum deles disse ter problemas de inserção profissional, embora todos afirmaram trabalhar em atividades e atos de solidariedade ao Chile, o que significa que suas obras, pelo menos durante algum tempo, gravitaram em torno de sua condição de exilados políticos, o que já a torna uma especificidade desta situação. Quanto ao papel do exílio nas novas composições, as opiniões foram divididas: para alguns como Osvaldo Rodríguez e o conjunto *Inti-Illimani* responderam negativamente argumentando que no exílio apenas aprofundaram um trabalho iniciado no Chile; já os cancionistas que reconheceram a diferença atribuem a mudança às novas influências que têm recebido e à nostalgia da terra natal.

Quanto às experiências de exílio na área do teatro, os *Capítulos da Cultura Chilena* divulgaram o surgimento e o sucesso de companhias teatrais na Europa e em outros países da América Latina. Na *Araucaria* nº30, o dramaturgo Jaime Miranda, narrou em entrevista a Sara Rojo seu trabalho durante o exílio e as duas obras que escreveu sobre esta experiência para a comunidade chilena: *Por la razón o la fuerza* (sobre os exilados econômicos, que saíram por desemprego) e *Regreso sin causa* (sobre o exílio político). A intenção do autor era escrever mais uma peça sobre a experiência do retorno para completar uma trilogia sobre este tema. Na ocasião da entrevista (abril de 1985), o autor já havia regressado ao Chile, e apesar das dificuldades lembradas por ele para trabalhar no país, recebeu o prêmio de melhor obra teatral de 1984 do *Círculo de Críticos de Arte* por *Regreso sin causa*, o que reforçou sua decisão de ficar no país. Esta premiação indica uma pequena abertura para tratamento do tema do exílio ainda sob a ditadura.

O exílio foi um dos pontos tocados na entrevista concedida pelo cineasta Raúl Ruiz a Bocaz publicada nos *Capítulos da Araucaria* nº 11. O cineasta comentou seu filme *Diálogo de Exilados* (França, 1974), que apesar de ter sido rodado fora de seu país, ainda o fez como se estivesse no Chile, com a sensação de que poderia ser o último, segundo o cineasta. Depois disso, ficou um ano e meio sem filmar, e percebeu que não poderia continuar trabalhando com as sutilezas do cotidiano muito particulares da cultura chilena; e então

passou a ser influenciado por filmes de propaganda e decidiu colocar seu trabalho a serviço de “uma idéia”, que segundo Bocaz, consistia em lutar contra o discurso único, opinião com a qual o cineasta concordou. Para Ruiz, a grande diferença do cinema produzido por ele no exílio era a existência de uma grande indústria por trás de seu trabalho, o que lhe fez trabalhar com cinema como uma atividade cotidiana e não mais a como uma missão. Quando perguntado sobre a função do cinema de construir uma “memória popular” daquele período da história do Chile, o cineasta respondeu que suas preocupações gravitavam em torno do esquecimento produzido pela indústria de massa, com isso o cineasta destoou daquilo que parece ser o ideal de produção cultural almejado pelo representante da publicação: um cinema heróico que recuperasse as lutas populares no Chile.

No debate publicado na mesma edição, a primeira fala publicada foi a de Orlando Lübbert relatando que depois de 1973 mais de 50 filmes foram produzidos por chilenos, portanto o êxodo teria sido uma plataforma para o cinema chileno e a principal questão imposta pelo exílio era a manutenção de uma identidade nacional numa produção cultural dispersa por locais muito distantes. Na contra-mão de sua fala, José Miguel Varas e José Donoso recusam a denominação de cinema chileno de exílio, reconhecendo apenas *um* cinema chileno, uma vez que as condições internas do país impossibilitavam a produção cinematográfica; Miguel Littin levantou o problema ideológico da denominação daquela produção cinematográfica, e preferiu chamá-la de *cinema de resistência*, pois não via a dispersão dos cineastas como um problema, uma vez que a temática chilena era clara nos filmes que produziam; notou ainda que nenhuma cinematografia latino-americana havia se fortalecido no exílio como a chilena. O escritor Jose Donoso observou que o tema do exílio ainda era pouco explorado pelos cineastas que preferiam tratar das lutas populares e da tragédia do golpe.

Os debates sobre as ciências sociais e a universidade focaram o papel que tiveram para o desenvolvimento social no Chile, culminando com a ascensão da Unidade Popular (UP) e a posterior destruição sistemática implementada pela Junta Militar. O número dedicado às ciências sociais (*Araucária* n° 10) apresentou panoramas traçados por especialistas de cada área. Na edição sobre as universidades (*Araucária* n° 3), os eixos foram o processo de reforma universitária (1968-1969) e a “contra-reforma” realizada pela Junta Militar. Nela constam depoimentos de ex-reitores das universidades chilenas e de um ex-líder estudantil. Como “parâmetro” para comparação da situação antes e depois do golpe, foram publicados depoimentos anônimos de um professor universitário, de um aluno e de uma mãe de aluno que descreveram o cotidiano destas instituições sob a ditadura.

Os *Capítulos da Cultura Chilena* publicados na revista *Araucaria* mostram as principais questões que pautaram os debates culturais destes exilados. Era impossível passar ao largo da política, tendo em vista que foram seus posicionamentos políticos que os levaram a viver fora de seu país. Apesar da constante luta para a manutenção de uma unidade cultural chilena, a preocupação em denunciar a violência na qual o país fora imerso fez com que criassem um circuito cultural próprio da situação de exilados.

Referências:

- BALMES, J. El desafío de una pintura política. Entrevista de Luis Bocaz. *Capítulos de la Cultura Chilena: la plástica*. *Araucaria de Chile* nº 1, Paris, janeiro-março 1978. p. 106-140
- CASTRO, O. El teatro em los campos de concentración. Entrevista de Ariel Dorfman. *Capítulos de la Cultura Chilena: El teatro*. *Araucaria* nº 6, Paris, abril- jun 1979. p. 115-147
- Discusión sobre música chilena. Participan: H. Arevalo, E. Carrasco, P. Castillo, Charo Cofré, M. A. Cherubito, E. Dávalos, F. Garcia, Inti-Ilumani, P. Manns, S. Ortega, A. Parra, I. Parra, O. Rodríguez, D. Salinas, H. Stein y Tranbunche. Cuestionario preparado por Soledad Bianchi y Luis Bocaz. Selección de textos y montaje Carlos Orellana. *Capítulos de la Cultura Chilena: la música*. *Araucaria* nº 2, Paris, abril- jun 1978 p. 111-173
- NÚÑEZ, G. Tomar la vida y los sueños de la mano. *Capítulos de la Cultura Chilena: la plástica*. *Araucaria* nº 1, Paris, jan- março 1978. p. 141-146
- Orientación y perspectivas del cine chileno. Mesa redonda con S. Alarcón, J. Barrios, J. Donoso, E. Labarca, M. Littin, O. Lübbert, C. Valdés y J. Miguel Varas. *Capítulos de la Cultura Chilena: El cine*. *Araucaria* nº 11, Paris, jul- set 1980. p. 119-135
- RADRIGÁN, J. Juan Radrigán: teatro de la dignidad y de la marginalidad. Entrevista de Jose Miguel Varas. *Capítulos de la Cultura Chilena: Variaciones sobre el teatro*. *Araucaria* nº 31, Paris, jul- set 1985 p. 153-163
- ROJO DE LA ROSA, S. Jaime Miranda: autor del exilio. *Capítulos de la Cultura Chilena: variaciones sobre el teatro*. *Araucaria* nº 30, Paris, abril- junho 1985 p. 156-161
- RUIZ, R. No hacer más una película como si fuera la última. Entrevista de Luis Bocaz. *Capítulos de la Cultura Chilena: El cine*. *Araucaria* nº 11, Paris, jul- set 1980. p. 101-117
- SILVA, H. R. *Fragmentos da história intelectual*. Campinas: Papirus, 2002
- SIRINELLI, J. F. Os intelectuais. In REMOND, R. (org) *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003